

CORPOS DE CRENÇA E ESPERANÇA JOÃO PAULO RAPAGÃO

Ao visitarmos as casas aqui publicadas e projectadas pelo Atelier d'Arquitectura Lopes da Costa, registamos um sentimento onde a crença e a esperança na arquitectura são valores instrumentais e essenciais a todos, sobretudo, aos que as habitam. Acolhem-nos experienciadas e recheadas de vida, materializando e evocando a ideia de que a casa é o museu do corpo e da alma de quem a eterniza, metáfora inspirada e ilustrada nos escritos de Marcel Proust.

Atravessamos, hoje, um tempo lato de universalidade e transversalidade culturais. Uma casa pode ser quase tudo ou quase nada. Entre o Palais de Versailles de Louis Le Vau e de Jules Hardouin-Mansart, com os seus 2300 quartos e o Cabanon de Le Corbusier, com uma planta de 3,66 por 3,66 metros e uma secção de 2,26 metros de altura, as possibilidades são infinitas.

Iniciamos esta análise e síntese crítica, com os temas de marginalidade e singularidade. José António Lopes da Costa, com a colaboração de Tiago Meireles desde 1988, exerce em S. João de Ovar. Concebe habitares para lugares em acelerada urbanização e transformação social e cultural, em paisagens com matrizes simultaneamente rurais e industriais como Anadia, Aveiro, Esmoriz, Ílhavo, Murtosa, Oliveira de Azeméis, Ovar, Santa Maria da Feira, São João da Madeira ou Leça do Balio. As suas casas povoam territórios onde persistem, ainda, as marcas civilizacionais e imateriais inventariadas por Orlando Ribeiro, investigadas por Jorge Gaspar e acutilantemente denunciadas e estudadas na actualidade por Álvaro Domingues.

Lopes da Costa manipula eficazmente estas permanências de cariz vernacular e popular, nomeadamente de parcelamento e relacionamento de vizinhança, ao acomodar, modelar e hierarquizar os volumes que produz. Os seus projectos e obras contrariam, assim, a progressiva perda dos valores ancestrais e tradicionais, em lugares aproximados pela mobilidade e acessibilidade e, por isso, cada vez mais apetecíveis e afáveis para viver.

As casas desenhadas e projectadas entre 2002 e 2019, evidenciam coerentemente um percurso assente na dimensão do lugar, para além de uma interpretação e acomodação perspicazes às geografias do mesmo. Esta condição territorial é também espacial e material, quando concilia temas regionais e locais, com modernidade ou contemporaneidade, produto da sua constante inquietação e ambição em saber e querer estar actualizado. Aliando a sua maturidade à sua jovialidade disciplinar, Lopes da Costa mantém um *upgrade* intelectual e cultural permanente, pessoal e profissionalmente imprescindível.

À marginalidade exposta, junta-se a singularidade de uma constância e resiliência obstinadas, onde cada encomenda se prolonga para além dos acabamentos coerentemente desenhados e integrados no todo, legitimando-se na sua autenticidade e vitalidade futuras. O seu desenho rejeita a exuberância ou a arrogância de autor e essa é, muito provavelmente, a sua assinatura. Aproxima-se assim do sucesso das operações e realizações únicas quando, idealmente, ao desenhar e projectar para habitar, começa do zero, criando uma cumplicidade com o dono de obra que impressiona e emociona. Durante as visitas, por isso, os clientes que nos acolhem são, agora, amigos de Lopes da Costa.

A sua especificidade e originalidade disciplinar resultam também da sua formação francesa, concluída em 1984 na Unité Pédagogique d'Architecture de Bordeaux, actual École Nationale Supérieure d'Architecture et de Paysage de Bordeaux. Formatado e influenciado por um ensino com origem nas *beaux-arts*, de tradição tratadística e estilística, o seu *modus operandi* revela, por isso, mecanismos académicos e metódicos sustentados.

Pragmático, recorre à geometria de modo classicista e racionalista, actuando entre a sofisticação modernista e a depuração minimalista. A composição e organização são idealizadas a partir de axialidades e centralidades, posteriormente animadas com deslizamentos e cruzamentos qualificadores, capazes de, respectivamente, expandir e comprimir espaços. A matriz inicial,

gerada e proporcionada pela razão, evolui com variações e operações dinâmicas que validam morfologias e tipologias, onde a arquitectura se forma e transforma a cada interpretação do lugar.

As implantações das casas apresentam geometrias ortogonais e racionais, habilmente impostas e dispostas na parcela, libertando as quatro ou mais frentes possíveis e disponíveis para uma correcta ventilação e exposição solar. Independentemente do perímetro multiangular, regular ou irregular, privilegiam a profundidade da parcela através de traçados horizontais e longitudinais. Umhas vezes apresentam-se compactas, estruturadoras e reguladoras das envolventes inconstantes e dissonantes, em volumes geralmente depurados e balizados capazes de gerir, também, as condicionantes urbanísticas, nem sempre moderadoras ou estabilizadoras do território - Casas AA ou VA, por exemplo. Outras vezes, libertada e manipulada a matriz classicista e abstraccionista, configuram tipologias em T - Casas DM ou JMR -, em L - Casas CF ou JR -, em U - Casas JM, MC ou PL - ou em H - Casa JPO.

Entre a cidade, mais ou menos periférica, e a intimidade de cada casa, destacamos a *promenade architecturale* prolongada e guiada pelos jardins de aproximação e a criação do microcosmo doméstico desejado pelo cliente e imaginado pelo autor.

Destacam-se, também, os espaços de transição para contemplação ou fruição ambiental, como o de "A Anunciação" da autoria de Guido di Pietro. Gera-se assim, como acontece na Vila Imperial de Katsura, criada pelos Príncipes Hachijōnomiya Toshihito e Toshitada para ver o reflexo da lua sobre a água, um todo sem fronteiras, sem separação ou distinção óbvias, entre o exterior e o interior.

Identificamos seguidamente traços de identidade e personalidade de uma genealogia comum às casas de Lopes da Costa, onde o sol e o mar são valores imateriais e inspiracionais, indissociáveis da sua arquitectura, interpretados e revelados por uma estética de pureza e leveza.

As suas casas exalam, cumulativamente, o espírito de uma arquitectura portuguesa, o que resulta da relação e condição do lugar genialmente materializado e enunciado, por exemplo, por Raul Lino e hoje, brilhantemente actualizado e globalizado por Eduardo Souto de Moura. Acompanham, finalmente, as constantes opções e transgressões funcionais actuais, propondo uma multiplicidade e versatilidade férteis. As suas casas são, por isso, arquipélagos, ou antes, programas de composições móveis e instáveis que convivem com diversidade e unidade. Assumem-se como *domus* de compensação e evasão à vida quotidiana, experiência recentemente dilatada e exacerbada durante a pandemia vivida nos últimos dois anos.

Associamos o mar ao traço horizontal e longitudinal que domina a casa, onde a espacialidade e a domesticidade são geralmente divididas em usos sociais no piso inferior térreo, relacionados e continuados no exterior, e em usos individuais no piso superior.

O piso térreo é responsável pela manipulação e gestão da topografia, criando bases capazes de gerir pendentes menores - Casas JD, JM ou JPO - ou maiores - Casas CF, JG ou PL. Criam-se embasamentos de fundação e estabilização do volume no solo que albergam, por vezes, caves com garagens e outros usos de apoio. Fixadas as matrizes de axialidade e centralidade anteriormente identificadas, libertam-se seguidamente as pluralidades e especificidades que constituem a sua marca individual e original.

As composições, aparentemente inabaláveis e imutáveis, consentem as organizações e hierarquizações necessárias à construção de um ideário para cada casa e cada família. A horizontalidade e profundidade previamente assumidas, são reforçadas pelo deslizamento longitudinal e transversal dos volumes dos dois pisos, ampliando perspectivas ou aproximando usos, respectivamente, por exemplo, na Casa JD e na Casa PL. Este mecanismo gera cheios e vazios que viabilizam varandas ou terraços e assume a distinção entre um corpo de usos sociais, caracterizado pela fluidez dos espaços dilatados e prolongados sobre a parcela, e um de usos individuais, marcado pela compressão e contenção dos temas da arquitectura.

A estratégia é recorrente, moldando e vinculando os vazios a ambientes sociais, desenhados e organizados com um jardim e, por vezes, com uma piscina. Encontramos ainda, pátios que dotam de discrição instalações sanitárias e lavandarias, poupando-as à exposição exterior - Casas JM ou JR. A piscina, comumente elencada e enfatizada no programa, surge por vezes estruturada no interior – Casa CF, DM ou JMR – ou, frequentemente, no exterior – Casa JCR, JPO ou VA. Assinalamos ainda, excepcionalmente, a extensão da casa com a criação e exacerbação do terraço nas coberturas da Casa na Barra e da Casa na Murtosa.

O sol estimula os volumes e os seus vazios, motivando secções verticais interiores que aproximam e animam a casa, juntando leituras verticais e diagonais, dinâmicas, às perspectivas horizontais, sempre modeladas e motivadas pela envolvente. Interiormente, contrapõem-se escalas maiores e menores, com continuidade nos espaços sociais e com privacidade nos individuais, evidentes nas Casas CM ou PL. Cruzam-se olhares entre pisos, relacionando e aproximando as plantas da casa, gerindo proporções e contemplações interiores, que resultam da variação da altura, dupla ou não, em charneiras espaciais e funcionais específicas, associadas às circulações e distribuições, como ocorre nas Casas CF ou CM.

A deslocação longitudinal e transversal dos volumes anteriormente referida, cria vãos nos planos verticais e horizontais, permitindo a unidade reivindicada e materializada por Alvar Aalto. Há uma modelação e materialização da luz em átrios sociais e individuais, com lanternins de luz zenital e pátios com aberturas nas lajes que lembram *L'Esprit Nouveau* - Casas CM ou JD. Invasos pela luz, gerem-se penumbras em contrastes diferenciados e qualificados. O sol motiva ainda a gestão e modelação dos vãos que ditam a sua intensidade e espacialidade, ora rasgados nos programas sociais, ora pontuados nos individuais.

Assinalamos a implantação, direcção e configuração da escada. Com um lanço, induzindo a circulação e distribuição da casa, enfatiza a profundidade através de perspectivas interiores que se prolongam sobre a paisagem - Casas JCR ou VA, por exemplo. Com dois lanços, retornando e dobrando as plantas sobre si mesmas, reforça a intimidade e a proximidade dos usos – Casas AP ou JR, entre tantas outras. As escadas surgem, ainda, laterais em corpos mais alongados e centrais em corpos mais concentrados, ou junto às rótulas quando se trata de volumes em T, L, U ou H. O percurso em cada casa é, por isso, consistente e surpreendente, contínuo, mas há atalhos de proximidade e funcionalidade úteis, que oferecem espaços mais performativos e comunicativos a utilizadores que estão, hoje, mais informados e sugestionados pelo universo da imagem.

A modelação e deslocação dos volumes cria diferentes exposições e conotações de luz, importantes para a qualificação da arquitectura, concorrendo para a valorização e identificação das vistas que se oferecem. Formalmente, há um mecanismo de recurso à modulação e repetição - usos individuais, nomeadamente quartos - como denúncia das excepções nos usos sociais. A luz motiva igualmente a leveza e a pureza dos revestimentos e acabamentos geralmente brancos, assentes sobre os embasamentos anteriormente mencionados, responsáveis pela estabilização e contenção do solo. Surgem, ainda, materiais naturais como a madeira - Casas AA ou CM - a pedra - Casas CF ou JMR - e mais recentemente o betão armado aparente – Casa JG em São João da Madeira.

Destacamos finalmente a acção reparadora e transformadora da Casa AN em Oliveira de Azeméis. Um volume existente e recorrente na paisagem é alvo de interpretação e renovação, marcadas pelo ideário e vocabulário disciplinar de Lopes da Costa. A didáctica da actuação e da reabilitação da herança, constitui uma lição legível, não só na compactação e na depuração do volume, capaz por exemplo de adoptar e integrar a cobertura anterior, mas também nas acções de racionalização e regulação dos usos.

A fixação e dedicação de Lopes da Costa é tão intensa que não há uma linha a separar o estudo do projecto ou o projecto da obra. O investimento intelectual e instrumental é contínuo, mergulhado em desenvolvimentos e refinamentos que procuram no sucesso das partes, a

notabilidade e vitalidade do todo. Assiste-se a uma atenção e obstinação levadas a todas as escalas, que lembram a concepção e pormenorização da Casa Wittgenstein, iniciada com a depuração de Paul Engelmann e levada à exaustão e à obsessão final, por Ludwig Wittgenstein, onde 30 milímetros importam na proporção e configuração de um quarto.

Uma casa pensada e desenhada por José António Lopes da Costa é um corpo. É um lugar guardado e consagrado, um templo onde os limites são a capacidade de respirar e experienciar de quem o habita. É, por isso, como refere Ettore Sottsass, um vazio interior, um lugar de comunhão e celebração de diferentes ritos.

Escrevo a terminar na primeira pessoa do singular, o que é raro. Conheci o José António em 1997, durante uma viagem organizada pela Associação dos Arquitectos Portugueses, antecessora da Ordem dos Arquitectos, na qual percorremos o Japão entre 8 e 20 de Setembro. A descoberta da arquitectura japonesa tradicional e actual não seria a que foi, sem a presença do José António. Recordo a imagem de então, lembrada e confirmada durante as visitas e as conversas tidas para este livro e que aqui partilho: a do arquitecto entusiasmado e apaixonado, à descoberta da arquitectura, entre a sedução pela cidade e a fascinação pelo detalhe, como se a vida irrompesse ou finalizasse ali, em cada apontamento e momento e esse instante fosse capaz de revelar e transformar a nossa felicidade para sempre... O José António é, por isso, a emocionada crença e esperança n(uma) Arquitectura maior e melhor!

O autor escreve segundo o anterior acordo ortográfico.